

**A CONTRADIÇÃO DOS IMPACTOS SOCIOESPACIAIS COM
IMPLANTAÇÃO DO COMPLEXO HIDRELÉTRICO BELO
MONTE NA VILA SANTO ANTÔNIO-VITÓRIA DO XINGU/PA
ENTRE 2011 A 2013**

**THE CONTRADICTION OF THE SOCIAL-SPATIAL IMPACTS
WITH THE IMPLEMENTATION OF HYDROELECTRIC BELO
MONTE COMPLEX IN VILA SANTO ANTÔNIO – VITÓRIA DO
XINGU/PA 2011-2013**

Roberto Wilky Batista Ribeiro

Graduado em Geografia
Campus universitário de Altamira – UFPA
robertowilky@hotmail.com

Darlene Costa da Silva

Mestre em Geografia
Doutoranda em Geografia da UNIR
darlene-silva1@hotmail.com

Resumo

Diante da grande relevância que tem sido o tema hidrelétrica no País, esse artigo tem por objetivo analisar as transformações sócio espaciais que a usina hidrelétrica de Belo Monte ocasionou na Vila de Santo Antônio, extensão rural do município de Vitória do Xingu-PA. Podendo-se avaliar a segregação imposta aos membros desta distinta Vila, em especial às sete famílias que resistiram a esse processo, e em seguida conhecer a nova configuração que transformou o modo de vida dessas famílias que habitavam a extinta Vila. Para tanto, essa pesquisa divide-se em três momentos: faz uma recuperação histórica da Vila e o contexto em que viviam, a segunda, apresenta breve discussão crítica sob as diferentes formas do desenvolvimento da implantação destacando o processo de desterritorialização da Vila de Santo Antônio, por último, analisa a nova configuração socioespacial da área ocupada pelas sete famílias que resistiram a esse processo. Como procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica e documental, observação *in lócus* e aplicação de questionário semiestruturado, georeferenciamento do remanejamento das famílias indenizadas com uso de Sistema de Posicionamento Global (GPS). O questionário detém as seguintes informações: histórico da Vila Santo Antônio, levantamento socioeconômico e infraestrutura. Com a execução deste trabalho foi perceptível a condição severa em que as sete famílias restante foram expostas, bem como a nova configuração na paisagem como fruto da implantação de um megaempreendimento hidrelétrico. Embora seja difícil mensurar a natureza desse impacto, no decorrer da pesquisa foi possível diagnosticar a dimensão dos impactos ocasionados a essas famílias.

Palavras Chaves: Transformações. Impactos. Desterritorialização. Segregação sócio espacial.

Abstract

Given the great importance that has been the subject in the country, this article hydro aims to analyze the social and spatial transformations that the Belo Monte hydroelectric power plant caused in the Village of Santo Antônio, rural extension from the city of Vitoria do Xingu-PA. and evaluate segregation imposed on members of this distinguished Village, especially the seven families who resisted this process , and then meet the new setting which transformed the way of life of these families who extinct Village. For both, this research is divided in three moments: makes a historic recovery of Village and the context in which they lived, the second, features brief critical discussion under different forms of development of the deployment process of deterritorialization of the Village of Santo Antônio, finally, analyze the socio-spatial configuration of the área occupied by the seven families who resisted this process. As methodological procedures: literature review and documentation, observation in locus and semi-structured questionnaire application, georeferenciamento the relocation of families compensated with use of Global Positioning System (GPS). The questionnaire holds the following information: history of St. Anthony Village, socio-economic and infrastructure survey. With the execution of this work was noticeable to severe condition in which the seven remaining families were exposed, as well as the new setting in the landscape as a result of the deployment of a hydroelectric facility this mega-enterprise. Although it is difficult to measure the nature of that impact, in the course of this research it was possible to diagnose the extent of the impacts caused to these families.

Keywords: Transformations, Impacts. Deterritorialization. Socio-spatial segregation.

Introdução

Vivenciar a realidade de projetos de implantação das usinas hidrelétricas no Brasil, em especial na região Norte do País, que possui um grande potencial energético, por possuir grandes mananciais hídricos e relevos propícios a essas construções. Diante dos grandes enfrentamentos nas reuniões internacionais sobre os fatores climáticos, a energia hidroelétrica possui um destaque central nesses discursões, embora haja controvérsia sobre a defesa da construção de fonte geração de energia renováveis utilizando os recursos hídricos, fatores esses que põem o Brasil em cheque no cenário econômico mundial. (ZHOURI, 2011, p 11).

A Rodovia Transamazônica (BR-230) foi projetada pelo general Emílio Garrastazu Médici (que governou o País no período de 1969 a 1974) sendo uma das chamadas "obras faraônicas" devida as suas proporções gigantescas, realizadas pelo

regime militar. O presidente Médici cunhou a seguinte frase levar “homens sem-terra para uma terra sem homens” SOUSA (2017)¹, principalmente porque nos primeiros tempos os “homens sem-terra” que chegavam iam se instalando onde melhor podiam. Estavam fazendo uma verdadeira reforma agrária espontânea. Antes que isto tomasse corpo, o projeto de colonização foi implantado pelo INCRA. Um grande projeto que projetava o controle da ocupação no eixo da Transamazônica.

A Vila Santo Antônio foi fundada em 1973 como área de colonização dentro do Programa Integrado de Colonização (PIC) na Amazônia, este programa, anunciado naquela década pelo governo militar do presidente Emílio Garrastazu Médici foi circunstancial para a colonização dirigida do espaço amazônico. O processo de colonização da Transamazônica influenciou diretamente na formação da Vila Santo Antônio. Com a abertura da rodovia Transamazônica a partir de 1971. (ALVES, 2013).

É neste contexto que é fundada a Vila Santo Antônio, nome dado inicialmente pelos primeiros moradores, pela influência da igreja católica. A Vila possuía 243 lotes que foram doados a um dos fundadores que conseguiu a terra através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Sobre esse momento na formação da Vila foi possível registrar:

Cheguei no Pará na abertura da rodovia eu e mais cinco conhecidos ficamos sabendo que o INCRA naquele tempo ficava no km 45 (vitória do Xingu) Os representantes do INCRA moravam neste local. Eles estavam doando terras e fomos lá e ganhamos essa terra toda da Vila, mas sem documento e a partir de então começamos a doar os terrenos para as pessoas que não tinham. Logo começaram a construir e dessa forma surgiu à Vila só com parentes e amigos por isso tanta união entre nós até chegar esse povo da barragem. (Entrevistado 01).

A Vila Santo Antônio originalmente pertencia ao município de Senador José Porfírio, após o desmembramento territorial passou a pertencer ao município de Vitória do Xingu. A dinâmica da vila foi se desenvolvendo baseado principalmente na Pesca incluindo de peixes ornamentais, os pescadores eram reconhecidos pelo IBAMA, alguns trabalhavam nas fazendas vizinhas, outros na base da Petrobras no povoado de Belo Monte, na escola da Vila e alguns viviam de aposentadoria. Dessa forma viviam satisfeitos com a escolha de viver naquele lugar. (SILVA, 2018, p.33)

Diante desse contexto que a Vila Santo Antônio é fundada, e a partir de 2010 que ganha destaque central não apenas para pesquisadores, mas também nas mídias, pois

em menos de três anos depois que iniciaram as obras de implantação da UHE, a Vila foi extinta em função de outra grande obra do governo federal, dessa vez a implantação da Usina Hidroelétrica de Belo Monte ocasionou a ruptura de laços de cunho sociais, econômico, cultural entre outros.

Segundo Weimer (2014), a definição de Vila é a categoria que sucede povoado, o tamanho é irrelevante nesse contexto, e sim de uma iniciativa política, “fundar uma Vila, significa cria-la [...] Essa criação podia ser de novo, isto é, a partir do início ou da promoção de um lugar ou de uma povoação já existente”.

A Vila Santo Antônio era composta por moradores sendo a maioria com grau de parentesco que de certa forma garantia ajuda mútua entre as famílias, mas que em função do empreendimento com processo de desterritorialização implicaria na ruptura desses grupos familiares. Para Woortmann (1995), na perspectiva de relações parental, aponta para o fortalecimento da comunidade que surge entre famílias mediante reciprocidade no grupo familiar, importante para a produção econômica e de identidade.

[...] a comunidade é um entrelaçamento de relações de parentesco. A propósito de tais comunidade, veja-se os estudos de O’Neill (1984) e de Veiga Oliveira, já referido. Na verdade, a etnografia por mim examinadas indicam que em todas as formações camponesas ocidentais a reciprocidade entre famílias é um componente central dos valores culturais e expressa sempre relações de parentesco. (Woortmann, 1995, p. 39-40).

Dessa forma o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, lei no 4.319, de 16 de março de 1964, garante: que o direito à diversidade cultural abriga três dimensões:

A individual, que garante o pleno desenvolvimento da personalidade. A coletiva, que garante a uma determinada comunidade sua organização social e o livre exercício de seus costumes, línguas, crenças e tradições; e a difusa, que assegura o respeito aos diversos modos de vida da sociedade multicultural brasileira, de forma indivisível. (CDDPH, 2006. p. 51).

Diante desses fatores assegurar o modo de vida que certa comunidade desenvolve ao logo de sua existência parece ser coeso de acordo com os documentos oficiais, de certa forma os prazeres e o conforto de usufruí das possibilidades que uma cidade pode oferecer, como saúde, educação, diversificação em bens de consumo e de serviços (condicionantes previstas no PBA) e um empreendimento como a UHE Belo

Monte, desperta o imaginário de muitas pessoas em busca da estabilidade financeira, até desperta um certo interesse, principalmente para quem já vive de trabalhar em Hidrelétricas.

Mas para a população local romper abruptamente o modo de vida, suas relações sociais, seus costumes e crença, causa um impacto que afetará emocionalmente indivíduos de maneiras diferenciadas, pois diante dos relatos colhidos com os moradores da Vila Santo Antônio retratam bem a utopia que se tornou em recuperar suas raízes fragmentadas nesse processo que no contexto final das negociações retrataram propostas confusas apresentadas pelo empreendedor. Isso fica bem evidente na fala da entrevistada 02, que foi indenizada, que atualmente reside a 18 km do município de Altamira-PA:

[...] eu era feliz e não sabia, antes tínhamos uns aos outros, agora não temos a ninguém, estão todos espalhados, desde que recebemos as indenizações nunca os vi... Sinto saudade daquele tempo, pois tínhamos o lazer todos os dias se quiséssemos, jogar bola, tomar banho no rio e pescar, hoje passamos o dia em casa, pois aqui conhecemos poucas pessoas e o rio fica muito longe.

Segundo Rodrigues (2014), a produção energética ganha força na ditadura militar, com a:

[...] Revolução Industrial no Brasil, na construção de duas grandes importantes hidroelétricas, Itaipu e Tucuruí [...] O qual possibilitou e mudou o modelo de crescimento econômico [...] “Dessa forma esse segmento se instala pelo Brasil a custos ambientais e sociais irreparáveis como o desaparecimento das cachoeiras de Sete Quedas, do Rio Paraná, em Tucuruí, desalojou comunidades, inundou extensões de terra e destruiu a fauna e flora locais, o qual em seu projeto de implantação atropela questões de interesse social e ambiental”. (RODRIGUES, 2014).

É inerente que, tal fato traz de certa forma, um acréscimo na economia, haja vista que esse súbito crescimento acontece de fora para dentro, algo que por si só não aconteceria a tão curto prazo. Evento econômico esse que perdurará até metade da conclusão da obra UHE Belo Monte, em virtude do contingente populacional migratório que se dirige para essas localidades, transformação social que traz consigo uma série de desencadeamento que até então não faziam parte dessa cidade, aumento na economia local, horizontalização e verticalização urbana, não menosprezando também a supressão vegetal, termo utilizado apenas para não declarar desmatamento florestal.

Diante do exposto e exemplificado o que acontece com os animais nesta situação tive a oportunidade de conhecer Tucuruí, especificamente uma parte restrita aos municípios, a Vila dos trabalhadores um local com guarita e cercas ao entorno do complexo urbano acessível somente aos funcionários da usina hidrelétrica. Foi nesse local que conheci um espaço que tinham várias espécies de animais empalhados, uma espécie de museu arqueológico, sob o olhar atento da funcionária que apresentava a existência daquele lugar, o qual justificava o porquê daqueles animais de várias espécies mortos e alguns apenas em fotografias em risco de extinção no caso os peixes ornamentais. Sob essa perspectiva que podemos dimensionar os impactos na fauna e flora pertinente a degradação ocasionada por esse empreendimento.

Com o evento da construção da UHE Belo Monte, implica em correlacionar com a extinção da Vila do Santo Antônio que fragmentou a interação com o meio ambiente a alteração e a transformação social e da paisagem, como desmatamento de matas auxiliares. Essa perda implica em uma modificação drástica na paisagem, com o desmatamento da área e deterioração do meio natural para construção de um estacionamento e a extinção de traços culturais como o festejo do Santo Antônio, padroeiro da Vila.

São sob essas perspectivas que se inserem as famílias tradicionais e indígenas do rio Xingu, que mediante a uma série de negligências que foram cometidas no cumprimento das condicionantes na forma de autoritarismo por parte do governo em desconsiderar os impactos ambientais, o modo de vida dessas famílias, a identificação com a paisagem e com os laços interpessoais que faziam parte dessas famílias, mas que interagiam de forma passageira, por se tratar de uma área localizada entre rodovia Transamazônica e o rio Xingu.

Devido às intensas transformações ocorridas na Vila Santo Antônio a partir de 2010 com a chegada do empreendimento à região, a maneira como eram executadas as reuniões, eram contextualizadas as questões inerentes ao processo de implantação do empreendimento nas áreas que seriam afetadas, de acordo com o cronograma de indenizações, caso fosse de interesse dos interferidos se optassem por ela, diante de tal prerrogativa a realocação da Vila Santo Antônio que era uma questão de interesse de todos os moradores no decorrer das abordagens feitas pelos agentes da Norte Energia. Essas abordagens são afirmadas por um morador da Vila Santo Antônio em seu relato:

[...] começaram a apresentar a nova Vila do Santo Antônio, aí eu não estava acreditando na conversa, por que estava indo embora muita gente, e os veteranos que moravam antes da minha chegada ao Santo Antônio, eles foram pegando a ideia de receber a indenização igualmente os outros novatos [...] aí teve um tempo que eu olhava pra frente não via as casas, olhava pro lado direito não as viam, do lado esquerdo não via, aí comecei me entristecer muito, porque aqueles meus amigos não estava presente, aí eu falei para os que estavam lá que eu achei muito esquisito, aquela Vila praticamente fantasma, aí eu olhei assim, não, eu não vou ficar aqui não [...] os outros ficaram lá, aí eu sai, eu não estava aguentando ficar lá, eu estava muito triste, aí eles disseram pra mim ir, que iriam me ajudar somente na mudança, pois estava saindo sem a autorização da Norte Energia, por que vocês só é pra sai daí quando a casa estiver pronta, aí eu perguntei, bem se é pra sair porque não sai logo de uma vez, e aí que na verdade não estava planejando no decorrer desse planejamento da Vila e tudo, a obra da Vila, que não era do Santo Antônio era a Vila do consórcio, dos trabalhadores lá no km 55. (Entrevistado 03).

Com o avanço das negociações e implantação do canteiro de obra o Consórcio Construtor desarticulava os moradores que aos poucos foram sendo fragmentados, desarticulando os interesses um a um, desmembrando assim as perspectivas de implantação da nova Vila Santo Antônio até que não restasse possibilidade para realocação das famílias restantes.

Dessa forma, além de ser importante entender como a carência da produção da energia elétrica afeta o País, poder compreender até que ponto os interesses econômicos podem superar a dinâmica de vida dos afetados no entorno do complexo Hidrelétrico de Belo Monte como retrata bem em sua fala um Entrevistado:

[...] na verdade com o decorrer do tempo, com a garantia que eles deram com palavras, foram se modificando [...] havia a especulação que ele estava do lado da Norte Energia do que para gente né, embora eu não possa afirmar, mas era que o grupo divergente dizia, corrompeu um líder da Vila afim de alcançar seu interesse. (Entrevistado 03).

Deste modo, este artigo trata de analisar as transformações sócio-espaciais em detrimento da implantação do empreendimento UHE Belo Monte no entorno da Vila Santo Antônio. Bem como privilegia-se o processo de mudança da população da Vila Santo Antônio situada na área diretamente afetada, definindo suas características problematizando as ações da Norte Energia em relação ao reassentamento rural.

E tem-se como os objetivos específicos avaliar a segregação socioespacial das sete famílias acompanhada pelo IBAMA e diagnosticar os problemas sociais ocasionados diante da extinção da Vila e a transformação nos modos de vida.

Para tanto, a fim de aprofundar nesse tema foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica e documental do Plano Básico Ambiental que compõe o EIA e o RIMA, visita *in loco* e aplicação de questionário semiestruturado, triagem das principais mudanças no modo de vida das sete famílias da Vila Santo Antônio em virtude da instalação do canteiro de obras do Consórcio Construtor Belo Monte, georeferenciamento da redistribuição das famílias indenizadas com uso de GPS (Sistema de Posicionamento Global).

Trata-se de um estudo de caso, tendo como referência a Vila Santo Antônio. Durante a pesquisa de campo foram feitas sete entrevistas, na agrovila Leonardo D’Vinci, no km 18, no povoado de Belo Monte no km 60, no município de Altamira e Brasil Novo (PA).

A princípio a escolha do tema se deu em função do trabalho direto com às famílias impactadas pelo empreendimento, no Núcleo de Atendimento Social as Comunidades Interferidas e ao Migrante, projeto financiado pela Norte Energia e executado pelo Fundo Municipal de Assistência Social de Vitória do Xingu-PA, SEMUTS.

Adotou-se para pesquisa o método dialético por apresentar elementos essenciais para compreensão da realidade pesquisada, a Vila Santo Antônio, as transformações ao longo da sua história, destacando as relações sociais e produtivas, como causa e consequência da transformação do espaço.

O artigo divide-se em três momentos, a primeira parte recupera o contexto histórico da Vila Santo Antônio, buscando entender a perspectiva central da Vila a partir do qual evoluiu o modo de vida das famílias existente nesse processo de formação social e cultural. A segunda, parte discute algumas críticas fundamentais sobre as diferentes formas de concepções do desenvolvimento da implantação que incorporam a dimensão espacial da construção do complexo Hidrelétrico, entre as quais se destacam as concepções da desterritorialização da Vila Santo Antônio ocasionada pela Norte Energia. Na terceira, analisa a nova configuração sócio espacial da área ocupada pelas sete famílias

da Vila Santo Antônio que resistiram a esse processo de implantação da Hidroelétrica de Belo Monte.

Dessa forma foram constatadas as metodologias aplicadas pelos agentes transformadores do espaço que usaram de força e se apropriaram da ausência de conhecimento desse povoado carente para acelerar o processo de implantação condicionando esses moradores a posição de segregados e até mesmo a supressão de uma Vila a fim de garantir seus interesses.

Como iniciou a Vila Santo Antônio

A Vila Santo Antônio é uma Vila rural localizada em uma área de terra situada no km 50 da rodovia Transamazônica (BR 230) e na margem do Rio Xingu, em Vitória do Xingu – PA. (Mapa 01).

O Núcleo de Referência Rural da Vila de Santo Antônio localiza-se no Município de Vitória do Xingu, entre o Travessão km 50 da Rodovia Transamazônica e a margem esquerda do Rio Xingu. Disposição topográfica da área da Vila Santo Antônio levanta pela empresa Leme Engenharia no ano de 2009. (LEME ENGENHARIA, 2009, p 461) (ver o mapa 02).

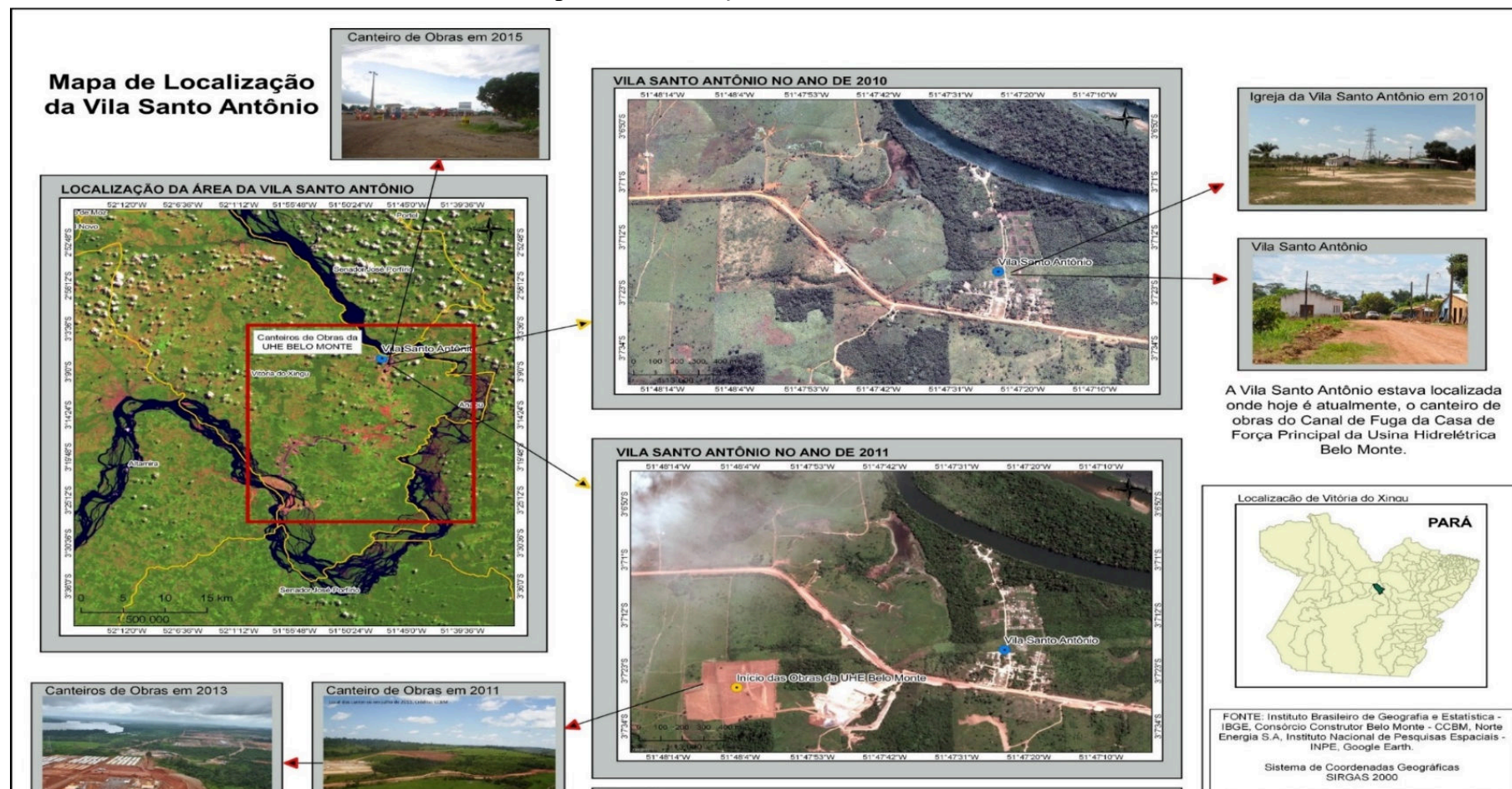
De acordo com a empresa Leme Engenharia, nos anos de 2007 havia um grupo bem distinto de pessoas na Vila Santo Antônio, a sua pesquisa socioeconômica e censitária abrangeu diferentes universos de análise como: 105 imóveis rurais, onde apenas 03 desses foram identificados como produtores rurais, 04 estruturas produtiva, 39 grupos domésticos, 151 pessoas residentes e informações de levantamento das condições de vida da população residente.

O primeiro fator a ser analisado compreende a área que está à disposição da Vila Santo Antônio voltado para a BR-230 e suas dinâmicas comerciais que basicamente se dava pelas linhas de ônibus de empresas de turismo para viagens interestaduais, acesso de caminhões transportadores de combustíveis, cereais, grãos e produtos industrializados de consumo entre outros. O que de certa forma movimentava a economia local, agregando renda extra às famílias, o Mapa 02 nos dá uma dimensão da área da Vila Santo Antônio e suas divisões de lotes rurais:

A contradição dos impactos socioespaciais com implantação do complexo hidrelétrico Belo Monte na Vila Santo Antônio – Vitória do Xingu/PA entre 2011 a 2013

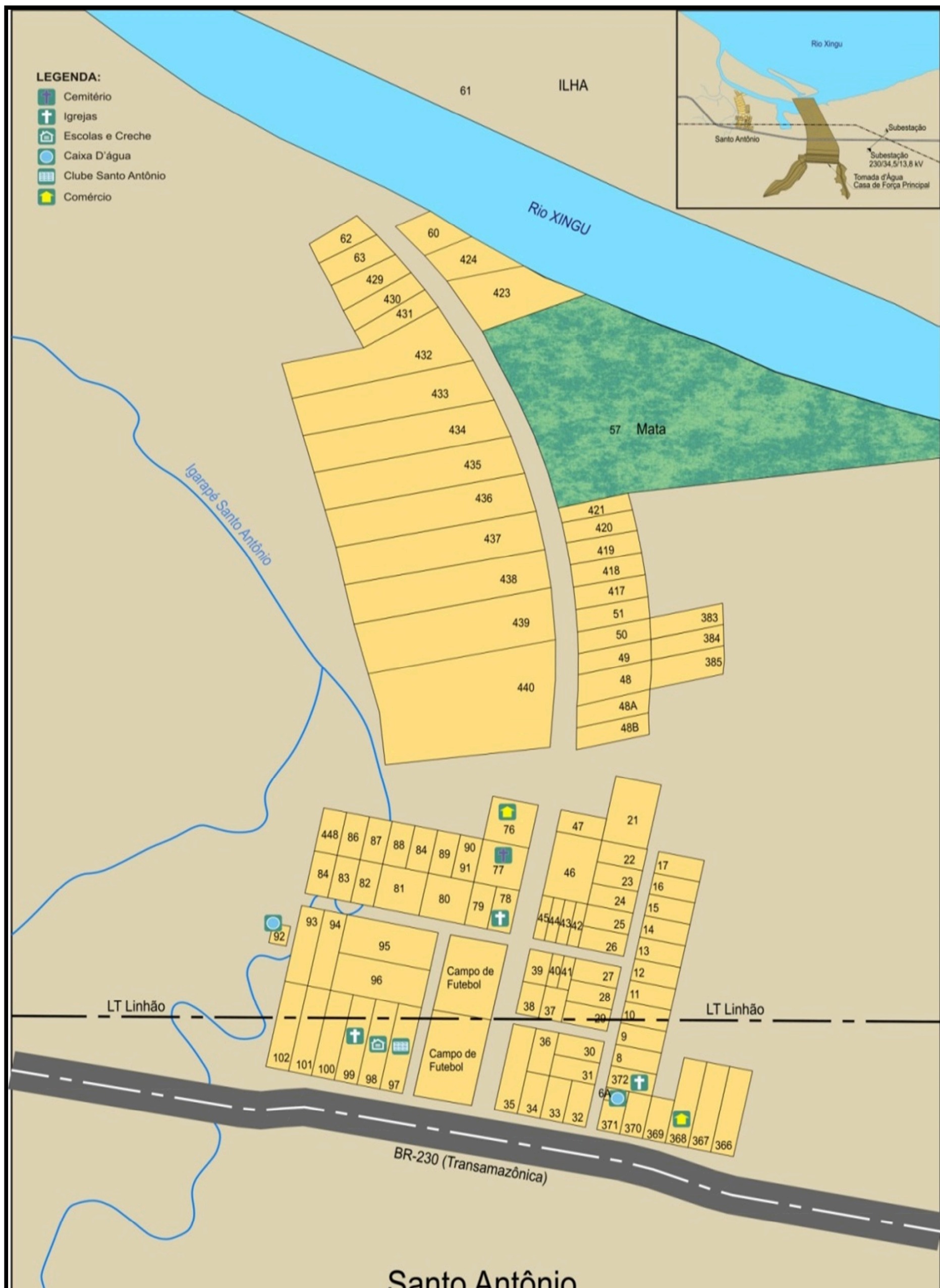
Roberto Wilky Batista Ribeiro
Darlene Costa da Silva

Mapa 01: Localização Vila Antônio



Fonte: Google maps (2010), pesquisa de campo. Elaboração: Pojo (2014). Compõe a Dissertação Mestrado, Silva, 2018.

Mapa 02 - Disposição geral do Núcleo de Referência Rural Vila Santo Antônio.



Fonte: Leme Engenharia. Pesquisa Socioeconômica Censitária. Ago/2007 a Fev/2008.

A Vila Santo Antônio foi formada ainda na década de 1970, antes mesmo da abertura da rodovia Transamazônica, o entrevistado 01. e a entrevistada 02, foram uns dos primeiros moradores da área e ajudaram a construir os espaços comuns da Vila, como campo de futebol, cemitério e igreja católica de Santo Antônio. “Essas famílias guardam parte da história e da memória daquela que foi uma Vila tradicional formada por agricultores e pescadores profissionais, a maioria integrante da colônia de pescadores Z12”. Como relata um dos fundadores da Vila:

Na Vila tudo é muito simples, mas foi construído com muita dedicação, carinho e principalmente muitas lutas, a nossa união pelos laços de amizade, parentesco e compadrio facilitou a interação e o desejo de cada dia melhorar o lugar que escolhemos para morar com a nossa família. Todos os moradores tinham ao redor da moradia plantações de árvores frutíferas. (Entrevistado 01)

A igreja representava para Vila Santo Antônio o respeito à religião bem como devoção ao padroeiro Santo Antônio. Nome o qual foi dado à Vila, que marcava o início das comemorações do festejo do padroeiro com a missa, depois a procissão percorria por toda a Vila, símbolo utilizado para homenagear o santo e trazer proteção a Vila. As homenagens duravam uma semana, aspectos culturais como esse que tornavam as visitas a Vila Santo Antônio muito frequentadas, os devotos não eram apenas os moradores da Vila Santo Antônio, devotos vinham da Vila Belo Monte, ramal do Cobra Choca, km 45, ramal do CNEC, km 55, ramal do Belo Monte, km 60, bem como da própria cidade de Altamira e Vitória do Xingu, Anapú, Pacajá e no último festejo do padroeiro da Vila, representantes da cidade Itaituba, Aveiro, Rurópolis e Placas se fizeram presentes. (Figuras 1, 2, 3 e 4).

Figura 1: Último festejo da Vila. **Figura 2:** Padroeiro St. Antônio. **Figura 3:** Procissão ao Padroeiro. **Figura 4:** Igreja Católica.



Fonte: Silva (2011/2012).

As celebrações também traziam momentos de lazer, que eram elaboradas com práticas esportivas, como o torneio de futebol com fins de angariar fundos para melhorias na igreja bem como áreas de interesse dos moradores da Vila, para o torneio vinham times de varia localidades bem como municípios vizinhos, em algumas ocasiões a prefeitura ajudava com patrocínios para premiações, aos arredores do campo de futebol também abrigava eventos oriundos das festas juninas, cada espaço comum da Vila Santo Antônio tinha utilidade. (Figura 05).

Figura 05: Campo de futebol, Vila Santo Antônio, dia 18/10/2011.



Fonte: Silva (2011).

Talvez um dos casos que trazem maior incerteza e transtornos aos moradores da Vila é o cemitério (ver figura 06), pois com a destruição da Vila Santo Antônio, as frustrações e emoções vêm à tona, com o distanciamento dos familiares do local, aos poucos a vegetação toma de conta do local, e sem os cuidados que as famílias tinham a incerteza quanto à deterioração dos túmulos, a ação do tempo, se encarregar em sumir com as cruzes que contém o nome dos entes queridos.

Figura 06: Cemitério da Vila Santo Antônio



Fonte: Silva (2012).

Para Silva (2016) que também realizaram estudos nessa área, a infraestrutura da Vila é precária, pois apresentava baixo nível de saneamento básico. O fornecimento de água tratada era limitado (ver figura 07), sendo que, por condições financeiras, poucas famílias utilizavam água de poços individuais, e, as famílias ribeirinhas, usam água diretamente do rio Xingu. A coleta de lixo era insuficiente. Grande parte dos resíduos era queimada nos quintais das residências. (SILVA, p. 34, 2016.).

Figura 07: Abastecimento de água usada por poucos moradores.



Fonte: Silva (2011).

Certamente uma característica marcante da Vila de Santo Antônio era a infraestrutura, não muito distante da realidade brasileira, é bem comum áreas da zona rural possuir baixo nível de saneamento básico, uma vez que isso já permeia desde a abertura da BR 230 (Rodovia Transamazônica), muito semelhante ao que aconteceu com o Projeto Integrado de Colonização (PIC's), não recebiam investimentos para manter a infraestrutura e a produção dos nordestinos. Dessa forma a Vila de Santo Antônio, da mesma forma que foi fundada pelos seus moradores, morreu sem se quer recebe os investimentos das condicionantes da UHE Belo Monte, ruas sem linha d'água, esgoto a céu aberto, sem coleta de lixo, o estilo de vida bem tradicional, onde os próprios moradores realizavam o descarte do lixo, mantinha as ruas limpas do mato. (Ver Figuras 08, 09, 10 e 11).

Figura 08: ruas sem linha d'água, **Figura 09:** residência construída de pau a pique, **Figura 10:** aglomerado de casas feitas de madeiras, **Figura 11:** ruas limpas do mato.



Fonte: Silva (2011).

As casas eram geralmente construídas de forma rudimentar que retratam as precariedades vivenciadas pelos moradores da Vila Santo Antônio, que se quer possuía atendimento as necessidades básicas de saneamento, rede de distribuição de água potável, o que de certa forma contrasta com o depoimento de alguns moradores da Vila Santo Antônio que houvera abandono do governo municipal em atendê-los como munícipes vitorienses, como relata a Entrevistada 02. “Esse prefeito nunca apareceu aqui, nunca fez nada, o outro ainda ajudava no festejo do Santo Antônio, dava um boi e a gente fazia a festa na Vila” ... embora não fosse uma obrigação do gestor em realizar esse tipo de assistencialismo que declara a entrevistada.

Para Santos (2014, p. 30-31) o espaço deve ser analisado como um evento social, um fruto da ação humana, uma natureza socializada, pois é mediante o trabalho produtivo e social que o homem como parte inerente no processo histórico constrói seu espaço.

Baseada na citação acima o espaço foi socialmente construído pelos moradores da Vila Santo Antônio, onde materializaram sua história de vida durante décadas e com o evento da hidrelétrica tiveram seu espaço esfacelado pela lógica do capital.

Contradições e desterritorialização em detrimento da construção do complexo UHE Belo Monte na Vila de Santo Antônio

Há muitas décadas no Brasil a construção de hidroelétricas para geração de energia é uma das prioridades das obras do governo federal. Como exemplo, está à construção da Usina Hidroelétrica de Belo Monte, que apesar de terem sido feitos muitos estudos no que se referem aos impactos ambientais, foram feitas algumas audiências públicas, condicionantes e etc. essas obras sempre causam muitos transtornos na vida das populações, pois a circulação de máquinas de grande porte que circulavam em torno da Vila e as constantes explosões que ocorriam durante o dia e a noite o que eram constantes, como ilustra a figura 12.

Figura 12: Construção da ponte no Km 50³.



Fonte: Silva (2012).

Em função desses estudos realizados, em especial na Região Amazônica, devido ao seu grande potencial hídrico, estão sendo implantado um número considerável de

usinas hidrelétricas e aproveitamentos hidrelétricos no País como Jirau, em Porto Velho, e em Murta, Minas Gerais (ZHOURI, 2011, p 94 e 127). Essas usinas têm como finalidade principal, gerar grandes quantidades de energia para alimentar os grandes centros urbanos e industriais, fortalecendo a economia nacional. Somam-se a isso, grandes impactos ambientais, sociais, culturais e econômicos.

Localizada no município de Vitória do Xingu, especificamente na Volta Grande do Xingu, a Usina Hidrelétrica Belo Monte, alterou a dinâmica dos municípios circunvizinhos afetando-os de forma direta. No entanto, os impactos trazidos pela instalação da UHE de Belo Monte não afetaram apenas as cidades. Podem-se perceber várias transformações que ocorreram na zona rural onde Vilas e Agrovilas também sofreram mudanças no seu cotidiano e alterando costumes, viveram constantemente sob a influência das explosões no canteiro que ocorriam pelas madrugadas, de manhã e alguns horários à tarde, com o intuito de remover e moldar rochedos para serem utilizadas na construção da estrutura e base das obras em frente à Vila Santo Antônio. (Ver figura 13).

Figura 13: Canal de fuga localizado no km 52 (Vila Santo Antônio).



Fonte: Autor (2015).

Segundo Corrêa (2003) “a paisagem é uma vitrine permanente de todo o saber, expressando a cultura em seus diversos aspectos, possuindo uma faceta funcional e outra simbólica”. Diante deste contexto a Vila Santo Antônio não só detém esses aspectos em

sua paisagem local, mas também se enquadra dentro dos parâmetros econômicos que o capitalismo precisa para se expandir.

Diante da complexidade do encontrado para responder os fatores que levaram as famílias da Vila Santo Antônio a não consolidar a realocação para outro local, em face ao desenvolvimento do capitalismo na região do entorno da construção da Hidrelétrica de Belo Monte, ratifica-se o estudo como forma de questionar os fatores que os levaram a sofrer esse processo de desterritorialização em função do empreendimento uma vez que o PBA, relata;

[...] o Plano de Atendimento à População Atingida é um instrumento que seria capaz de lidar de forma integrada com os impactos sociais previstos, de modo a minimizá-los através da escolha de soluções compatíveis com a realidade local e com as demandas dos diferentes grupos sociais atingidos. (PBA, 2011, volume II Item 4, p. 14).

Embora houvesse todo esse plano de trabalho voltado para atender as diferentes realidades encontradas no entorno da construção do empreendimento Belo Monte, somente uma análise sistêmica e de campo para entender esse processo de segregação sócio espacial que as sete famílias restantes da Vila Santo Antônio vivenciaram, uma vez que toda a realidade da Vila era voltada para as atividades no rio Xingu, a pesca artesanal e a pesca profissional e com as relações oriundas do fluxo da BR 230, ligando ao povoado de Belo Monte e o município de Altamira. Tal reflexão remete a afirmativa feita por Herrera; Miranda Neto; Moreira, citador por Silva (2013). Para os autores:

A expansão do capitalismo estabeleceu mecanismos de geração de lucros facilitados pela utilização predatória dos recursos naturais, sucumbindo à racionalidade das populações tradicionais e dos produtores familiares, os quais inviabilizados de produzirem práticas sustentadas foram incorporados à lógica do capital (HERRERA; MIRANDA NETO; MOREIREA, apud SILVA, 2013, p. 21).

Os estudos de impactos realizados pelo consórcio construtor visavam entre tudo à preservação dos aspectos das relações sociais, espaciais e culturais, na tentativa de minimizar os transtornos que seriam causados às famílias, esses relatos eram constantemente afirmados pelos agentes que realizavam a apresentação da proposta de construção da UHE Belo Monte.

Entretanto, após todo esse processo de discussão e apresentação do empreendimento a realidade apresentada por estes agentes ficaram muito distante, pois os moradores teriam apenas três opções, carta de crédito, o que dava direito em adquirir

uma propriedade dentro do valor da cata de crédito, indenização em dinheiro e uma casa em um Reassentamento Rural Coletivo ou Urbano. Assim diz o do entrevistado, morador e pescador da comunidade:

“Quando a gente fez o cadastro, todo mundo queria casa na nova Vila. Mas quando vieram as propostas, para quase todo mundo veio escrito assim: ‘você não tem opção’. Aqui tem 252 propriedades. Eles falam 245, mas são 252. E dessas, só 26 tiveram direito às três opções”.
(Entrevistado 04)

Diante dessa situação a Vila passa pelo processo de transformação trágica, com a derrubada das residências e retirada dos moradores de suas casas, sendo destinados a vários outros lugares da microrregião sem direito a continuarem a história da Vila, pois diante dos conflitos e interesse individuais manipulados pelos agentes para realizar as negociações contratados para articular acordos das indenizações, um a um desistiram por medo de perder tudo, o que acabou por impedir a construção da nova Vila. (Ver figura 14).

Figura 14: Residência destruída - Local da residência do último morador que saiu da Vila Santo Antônio.



Fonte: Silva (2013).

Entretanto, esse paradoxo latente entre ter direito e não ter, processo pelo qual as famílias vivenciaram mostra o quanto obscuro e falsa foram os cumprimentos feitos pela Norte Energia para atender as famílias. Apenas para exemplificar o PBA assim declarava:

“Pretende-se que para cada situação identificada e qualificada neste Plano, e após amplo processo de participação social, sejam reconhecidos os detentores do direito à indenização e/ou à reparação vinculada aos impactos ambientais do empreendimento, garantindo que todos sejam contemplados adequadamente nos programas e projetos” propostos. (PBA, volume II Item 4, 2011, p.1).

De igual forma o mesmo volume do PBA garante:

4.1.3.3. **Objetivo**

O objetivo do Projeto de Reassentamento Rural é garantir aos atingidos, condições de moradia e produção minimamente iguais e, preferencialmente melhores, das que dispunham antes da implantação do empreendimento. (PBA, volume II Item 4, 2011, p.83).

Relato do entrevistado no momento que os engenheiros realizavam as visitas e apresentavam as propostas de indenização:

‘As indenizações variam entre 9 mil e 60 mil reais’, conta entrevistado. Quando recebeu sua proposta de desapropriação, o pescador disse ao engenheiro: ‘rapaz, isso está muito pouco!’. Ele me respondeu, irônico: ‘melhor um pássaro na mão do que dois voando’. (Entrevistado 04)

A ausência dos órgãos regulamentadores como o IBAMA que só passou a tomar ciência dos casos da Vila Santo Antônio quando restaram apenas sete famílias na Vila que de certa forma eram coagidos todos os dias para que desocupassem a área, relatos esses que são diagnosticados não apenas nas entrevistas realizados com os moradores da Vila Santo Antônio, também no relatório CDDPH:

Além de promessas não cumpridas e desinformação sistemática, o ressentimento volta-se contra as práticas para dividir a comunidade e cooptar lideranças. O esforço para desmoralizar e fragilizar as organizações e associações da sociedade civil se somaria, segundo inúmeros depoimentos, a ações claras de intimidação. Ameaças de levar à justiça os produtores rurais que se negassem ao acordo não judicial teriam funcionado quase sempre como poderoso “argumento” para a aceitação de “acordos amigáveis”. São muitos os depoimentos que se referem à coação e pressões morais. (CDDPH, 2006. p. 70)

Nesse cenário podemos destacar os relatos do entrevistado último morador a ser retirado da Vila Santo Antônio, que vivenciou todo o processo de desocupação:

Aí eles foram chegaram a casa esse Ronaldo me prometeu “Olha seu A.F é o seguinte, você tem o direito, você tem quarenta e dois anos nesse lugar, você vai ser muito bem indenizado por que a sua indenização vai ser diferenciada, e a gente vai lhe pagar e você não vai (precisar dar um prego na barra de sabão) tá? [...] depois de todo o levantamento e tudo, foi um rapaz lá de São Paulo, um empresário,

botou seiscentos mil no meu lote [...] Foi no dia chega três ou era quatro doutores lá em casa, sentaram lá na mesa e me chamaram para mim sentar lá, aí fui e sentei lá, foi quando eles puxaram o papel do preço do lote. Aí botaram “Olha aqui seu A.F o preço do seu lote”, aí eu olhei noventa e dois mil, [...]Falei tudo enquanto que não prestava, por que o que era bom eu não falei. [...]por causa disso aí, ela me ofereceu uma casinha lá no Jatobá por quarenta e nove mil, [...]E começou essa briga eu fiquei lá, e ficamos lá dessa vez nessa briga, nessa briga por último. Eles mandaram um trator para derrubar a casa, (eu mandei) derrubar, marcaram o dia. Mandaram o trator para ir derrubar em cima de uma carreta, aí chegou lá o trator na borracharia. (Entrevistado 01)

O mesmo entrevistado passou por coação e pressões morais, como relatou:

[...]aí eu entrei, aí o careca disse: “Olha tu sai daí que o cara vai te dar um tiro agora”, aí eu entrei: “Agora não rapaz, não de não”, que já estava com a cabeça quente né? Aí ele correu e entrou lá [...] sexta feira às oito horas da noite o trator veio derrubar tudinho [...] eu saio de casa logo ali na outra semana, eles vão lá e cortam a energia do comercio. Aí quando eu chego em casa a energia cortada, [...]aí cortaram e eu fiquei sem a água. Aí, o rapaz, que era em frente ali, o guarda, de noite, me dava água quando não tinha o espião duplo né? Aí ele me dava água para eu beber e banhar, mas aí não era toda vez porque ainda tinha gente espiando, para não me dar água né? [...] Aí eu fiquei desse jeito, passava de dois, três dias sem tomar banho. É verdade, eu tomava banho quando chovia. (Entrevistado 01)

Para Zhouri (2011, p 11), os efeitos desses embates sobre a construção de hidrelétricas na década de 1980 na Amazônia, sobre o coro de protestos, foram abolidos através de manifestações públicas envolvendo indígenas e ambientalistas. Hoje o rio Xingu, mas uma vez se torna palco desse revés na política nacional que aproveitando as revoluções ambientalistas, mascara a implantação da UHE Belo Monte sob o termo “sustentabilidade”, termo utilizado inúmeras vezes para caracterizar a energia limpa, sem impactos ambientais ou sociais.

Mas o que embora fora abolido mediante protestos na década de 1980, esse tipo de abordagens ocorrido no pleito da implantação Usina Hidrelétrica de Belo Monte marcara fortemente as famílias da Vila Santo Antônio, uma vez que o próprio PBA como já mencionado nesse texto garante plenos direito conquistado já antes por impactados de outras barragens. Embora haja direitos constituídos para garantir o cumprimento de condicionantes aos afetados, situações como estas representadas aqui pelos próprios moradores mostram quão superficiais é o interesse em prover para famílias que foram e

serão afetadas por barragens, um acompanhamento de fato que venha minimizar os efeitos moral, social e psicológicos.

Mesmo que trabalhos realizados pelo Núcleo de Atendimento Social, psicológico e pedagógico as comunidades interferidas e ao migrante, trabalhos realizados com as famílias impactadas, mostrou-se contraditória do ponto de vista do empreendimento, que trabalhavam de forma agressiva e depreciativa, depois encaminhava as famílias para essa equipe de profissionais para que fossem atendidos na tentativa de minimizar os abusos psicológicos realizados. No entanto poucos eram os resultados, uma vez que alguns tenham mediante muitas lutas conseguido uma casa confortável e aprazível, essas marcas iriam acompanhar essas famílias para o resto da vida.

Segundo Sarmiento (2014, p. 4), Souza e Silva (2010, p. 219), contextualizam que é inegável que os grandes empreendimentos, uma vez que ocupam extensas áreas, afeta de diversas formas o meio no qual se inserem, com impactos de cunho social, ambiental, político e econômico. Vainer e Araújo (1992) conceituam hidrelétricas como:

Empreendimento que consolidam o processo de apropriação de recursos naturais e humanos em determinados pontos do território, sob a lógica estritamente econômica, respondendo as decisões e definições configuradas em espaços relacionais exógenos aos das populações das regiões nas proximidades do empreendimento. VAINER e ARAÚJO (1992.p. 34)

Diante dessas perspectivas o qual estão incluídas as famílias da Vila Santo Antônio, influenciando no seu modo de vida, a identificação com a paisagem e com as pessoas que não faziam parte dessas famílias, mas que de alguma forma interagiam de forma passageira, por se tratar de uma área localizada próxima a Rodovia Transamazônica. Para Zhouri (2011) sua contribuição ao mencionar sobre esses agravantes:

Isso não chega ser uma novidade na história brasileira. O mesmo já ocorreu no Tucuruí, no rio Tocantins. A diferença é [...] uma obra planejada pelo governo militar numa época que não havia estudos de impacto ambiental. Hoje temos direitos Constitucionais garantidos [...] os interesses econômicos e políticos vão sobrepujar a institucionalidade construída. (Zhouri 2011, p. 22)

Segundo Zhouri (2011), diante desse cenário, “a organização não governamental Instituto Socioambiental (ISA) chama a atenção para um crescente autoritarismo do governo que, segundo a entidade, lembraria procedimentos típicos da ditadura militar”:

Portanto, é bom que a sociedade se prepare [...] a autorização dada pela FUNAI o ano passado, sem consulta aos povos indígenas e sem saber o que acontecerá com eles, já é um claro sinal de interferência política no processo técnico de avaliação de impacto. (Zhouri 2011. p. 22).

Segundo Coelho e Pereira (2011, p. 134) a construção de uma usina hidrelétrica provoca grandes transformações na paisagem da região onde se instala em um processo rápido de degradação ambiental, em oposição ao lento movimento milenar de formação da paisagem durante as sucessivas eras geológicas.

Enfim a extinção da Vila Santo Antônio e a nova configuração das sete famílias que resistiram ao processo de desterritorialização

Depois de muito revés, entre discussões e conflito quanto ao local da nova Vila, diante de incertezas quanto à nova morada, jogo de interesses, especulações quanto ao empreendedor ter corrompido um dos membros da liderança da Vila Santo Antônio, estratégia usada para não consolidar a condicionante regida pelo PBA, que se tratava do remanejamento da Vila e dos moradores para um novo local. Aos dias 13 de janeiro de 2013, foi removido da Vila o último morador que pela luta em prol dos seus direitos, resistiu e a força foi expulso diante da incerteza de ter os seus direitos enquanto fundador da Vila. Certamente longe dos holofotes a Norte Energia aproveitou-se da condição o qual se encontrava os moradores, longe do Ministério Público, das informações quanto aos seus direitos e possivelmente da mídia, instrumentos esses que poderia ter feito a diferença quanto ao desfecho que foi dado aos moradores.

A nova configuração sócio espacial das sete famílias restante da Vila Santo Antônio, já evidencia o processo de segregação por qual passaram, onde o processo de desenvolvimento retratou para essas famílias as marcas da violência, o abuso de poder, os transtornos psicológicos que nenhuma casa bonita e aconchegante possa apagar, relato que a entrevistada 02 enfatiza:

[...] nós não queríamos indenização, nós queríamos outra Vila, hoje tem muita gente espalhada por aí, tudo quanto é lugar, todos essas pessoas não vivem felizes, estão insatisfeitas com essa mudança que nós tivemos, eu mesmo sou uma pessoa, não gosto daqui de Altamira, eu

queria estar na minha Vila, se você perguntar para cada uma delas, responderam a mesma coisa que eu estou falando aqui nós éramos felizes demais, todos se reuniam para os momentos de lazer e para o festejo do Santo Antônio.

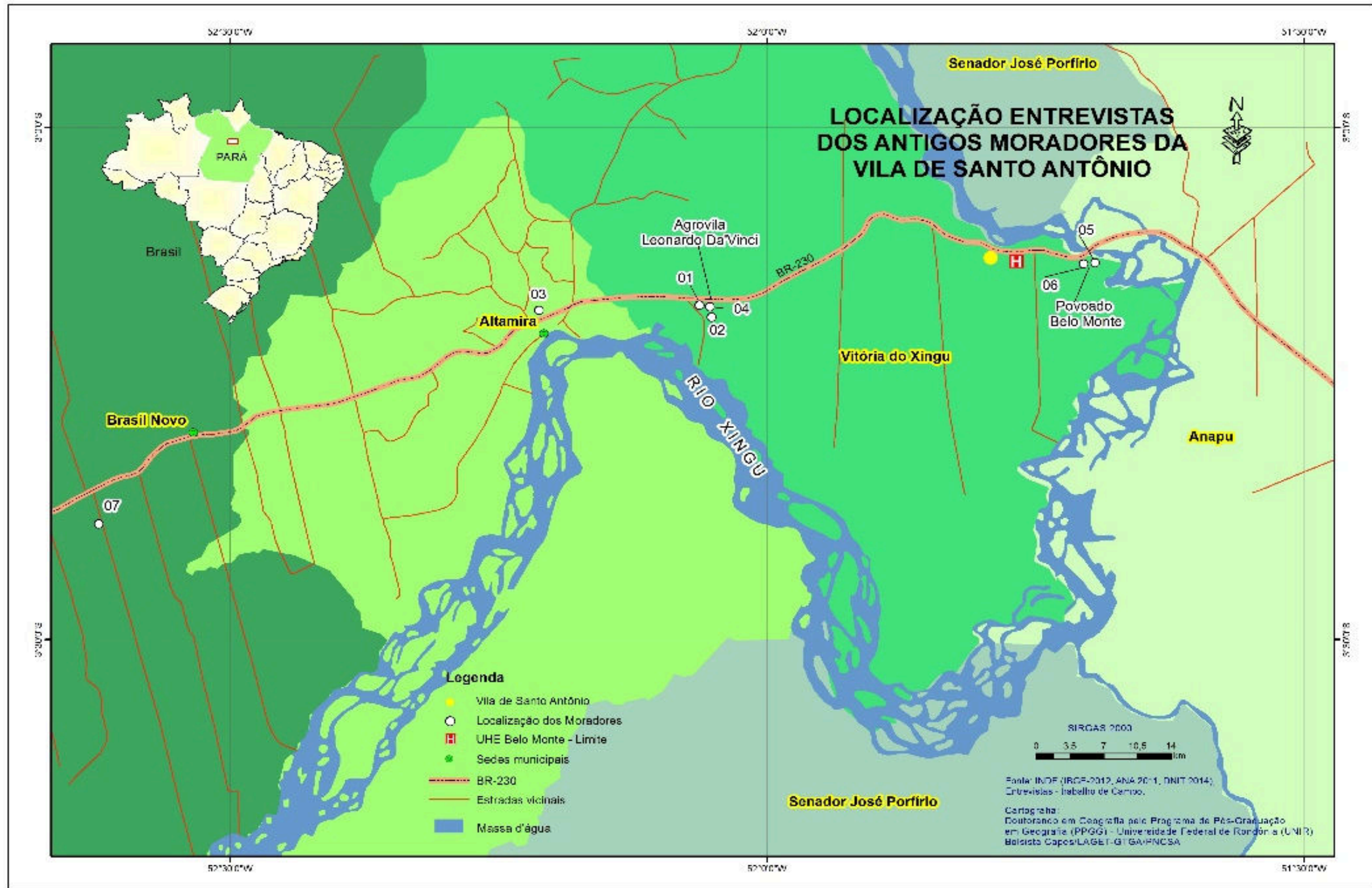
Quando a entrevistada fala a respeito do distanciamento dos moradores em relação à Vila do Santo Antônio, a nova configuração espacial, geograficamente essas famílias se distanciaram muito umas das outras (ver mapa 04 a nova configuração espacial das sete famílias que resistiram ao processo de ocupação do empreendimento na Vila), causando a ruptura de laços importantes para o desenvolvimento humano, o qual não foi levado em consideração ao ser fragmentado em função do empreendimento.

Embora haja controvérsia que justifica em até certo ponto esse processo desenraizamento das famílias da Vila Santo Antônio, não podemos deixar de dar atenção devida ao entrevistado em sua fala e relacionar quanto à ótica do materialismo histórico de Haesbaert (1958, p, 175) que relaciona a primeira grande desterritorialização capitalista relacionada à sua própria origem, a acumulação primitiva do capital, separando o produtor dos meios de produção, basicamente falando é a expropriação do povo do campo de sua base fundiária, migrando de trabalhador livre para trabalhador assalariado da cidade.

Antes trabalhava no roçado, depois com o tempo comecei a trabalhar com seringueira, agora trabalho no porto da Petrobrás como vigilante [...] as coisas aqui é muito diferente, as pessoas aqui são muito estranhas, lá tinham entrosamento, conhecia todo mundo, tinha convivência com todo mundo lá na Vila, final de semana tinha as praias para lazer, o futebol que a gente jogava toda tarde, aqui muito diferente do que era lá, depois que chegou a barragem ninguém sabia o que queria todo mundo começou a ir embora depois que não se decidiram onde queriam a nova Vila, ficou muito difícil as coisas, pois eles deixaram agente sem nada, nem ir para o rio podia. (Entrevistado 05)

Diante das entrevistas realizadas o que impressiona é a similaridade dos discursos, a fala de cada expropriado, a realização com o lugar, a relação com o meio habitado, esse processo de reflexão evoluía à medida em que o contato com a “natureza bruta” como contextualiza Santos (2014, p. 30), “O espaço não é uma coisa nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas [...] não é o espaço, portanto, como nas definições clássicas da geografia, o resultado de uma interação entre o homem e a natureza bruta”. A entrevistada 07 tem em seu discurso como o entrevistado:

Mapa 04: Localização dos antigos moradores da Vila de Santo Antônio.



Fonte: confeccionado por Lima (2017).

o modo de vida da Vila Santo Antônio era “uma maravilha” a dinâmica de vida, a pesca, o trabalho, as relações comerciais com outra comunidade, a esportividade, a religiosidade, era ótima [...] no segundo momento, veio a notícia de que a Vila toda seria remanejada, onde passou a haver vários conflitos, pois as famílias passaram por dificuldade e eram pressionados pelo empreendedor para aceitar as indenizações [...] as famílias da Vila ficaram impedida de pescar ou de se quer descer para beira do rio para realizar suas atividades, o que passou a gerar dificuldades em prover o sustento das famílias. (Entrevistado 05)

O que podemos concluir do desfecho dos moradores da Vila Santo Antônio, é que houve de fato ausência do poder público, o empreendedor se aproveitou do fato de muitas famílias serem leigas, pois muitas se levaram pelo medo de perder tudo, e o que receberam foi tão insignificante que de fato veio a consumir essa perda e destruição de sua Vila e de suas vidas. Pois não podemos dimensionar somente a perda dos bens materiais, a relação com a terra, mas sim, a sua história, sua essência de vida, os traços culturais, o entrosamento como relata o entrevistado 05, a socialização e a identificação que cada um tinha uns com os outros ficaram esquecidas. O que ficou mesmo foi destruição, as marcar que o desenvolvimento trouxe como o entrevistado fala:

Ali agora o que restou foi apenas destruição, quando passo ali sinto uma profunda tristeza, pois meus amigos eram de lá, meus parentes foram enterrados lá e nem posso visita-los sem que eu tenha que pedir autorização e ficar esperando por horas aguardando respostas [...] Eles falaram que iríamos receber uma nova Vila equipadinha, com hospital, asfalto, estrutura e tudo. (Entrevistado 04)

Mesmo com todas as dificuldades encontradas diante da nova configuração social, pois essa nova dinâmica da cidade, realidade ainda desconhecida, embora houvesse esse contato, mas não existia a preocupação quanto suprir as necessidades básicas, hoje esses expropriados e também segregados, tem que acompanhar o ritmo frenético das cidades e agrovilas influenciadas diretamente por elas, e conviver e acompanhar esse movimento alimentando a esperança de um dia poder rever a nova Vila que foi prometida como destacou a entrevistada:

Eu ainda não me acostumei aqui não, já tem um ano e meio que estou aqui, mas não gosto daqui não, saí de lá porque a Norte Energia me tirou de lá, porque senão não tinha saído de lá não, para mim não melhorou nada [...] tenho saudade da Vila Santo Antônio, se eles fizessem Vila Santo Antônio eu moraria lá novamente. (Entrevistada 06)

Diante desse novo panorama as famílias impactadas certamente vão se adequar com o tempo, é lamentável nesse contexto dizer que a vida continua para esses moradores que sempre se lembraram com lágrimas nos olhos, diante das tristezas e sofrimento vividos pela forma como foram retirados de suas casas, do convívio de sua gente e costumes. Como eles iram reparar isso não se sabe, certamente os acompanhamentos social, psicológico e pedagógico já terminaram, essas famílias neste exato momento estão a mercê de sua própria sorte, se receberam cursos de qualificação para poderem ser inseridas no mercado de trabalho ou se adequou sua profissão ao novo local de morada, pouco se sabe. Enquanto trabalhei acompanhando essas famílias, no papel tinham alguns cursos profissionalizantes, (cabeleireiro, corte e costura, manicure e pedicure e artesanatos) que poderiam certamente contemplar essas famílias.

Mas como disse “no papel”, pois, biscuit, crochê, reciclagem, corte e costura, cabeleireiro, alguns servem apenas como complemento da renda familiar e não para sustentar uma família, já o curso de cabeleireiro, apenas um dos entrevistados realizou o curso e uma vez ou outra realizava um corte de cabelo, e este teve que arrumar outro emprego de tempo integral e com horário agendado cortava cabelos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs como objetivo geral analisar as transformações socioespaciais em detrimento da implantação do empreendimento UHE Belo Monte no entorno da Vila Santo Antônio. Bem como o texto privilegia-se o processo de mudança da população da Vila Santo Antônio situada na área diretamente afetada pela construção da UHE Belo Monte, definindo suas características e problematizando as ações da Norte Energia em relação ao reassentamento rural. Para que este trabalho não se limitasse somente a teoria, o trabalho de campo foi imprescindível para realização deste artigo.

Diante desse trabalho realizado pode-se chegar as seguintes conclusões, o trabalho sobre hidrelétrica e seus impactos, possui um grande acervo teórico, acredito que tal fator possibilitou modificar a estrutura que era utilizada no processo de construção de usinas e suas áreas de impactos, privilegiou-se a preservação, pode-se dizer, parcial da área de maior biodiversidade da fauna e flora, a exemplo do ocorrido na construção da

usina hidrelétrica de Tucuruí, que não tinha respeito nem pelos direitos civil e pelo meio ambiente.

Constatou-se também que no caso da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, que ainda estamos muito longe de primar de forma integral pelos direitos dos atingidos e diretamente impactado e também pela conservação do meio ambiente e que o termo sustentabilidade não possui nenhuma relação com a construção de usinas apresentados pelo governo federal. Mostrou também que existe um jogo de politicagem e de favorecimento para proveito próprio as custas de montantes de recursos gerado por barragens. Nesse dilema, vemos que a usina de Belo Monte, prejudicou moradores tanto da zona urbana quanto da zona rural de municípios impactados e que pouco foi feito para minimizar os impactos trazidos por sua construção.

Vimos à ausência total do Estado, bem como seu silêncio ante o clamor da população menos favorecida, e ainda permanece como tal, haja vista que já estamos às portas de um novo empreendimento que em suma já se pode comprovar que existe altos risco de desastre ambiental com percas incalculável ao rio Xingu, e que o Governo Federal, o Estado e o Município se posiciona de forma favorável à sua construção, se omitindo da mesma forma que o ocorreu com a tragédia da barragem no distrito Mariana em Minas Gerais, o qual o engenheiro que assinou o projeto de viabilidade do barramento é o mesmo que atestou viabilidade no barramento de rejeito do rio Xingu, no caso a mencionada aqui e a mineradora Belo Sun, empresa canadense. No qual vemos apenas a briga pela maior fatia do bolo, como já foi mencionado o escândalo de corrupção envolvendo a usina de Belo Monte, para financiar campanha política.

Hoje quando se pensa em Belo Monte é impossível não se lembrar dos vários conflitos para inviabilizar o empreendimento, diante das inúmeras falhas de projetos que hoje já são visíveis, um dele que foi o discutido, o rio Xingu não vai comportar um projeto desses, não tem vasão, e o que vemos hoje é o sobe e desce do nível do rio Xingu, que perde seu volume muito rápido em sua margem e demora em retornar a encher, o volume de água no canal de derivação construído de forma errada, teria que ter o dobro da capacidade.

Outro fator que vemos no caso do Santo Antônio, famílias que não foram assistidas pelo Ministério Público, os promotores que tomara para si a dor dos impactados, foram remanejados para outra localidade, a mudança de direção do IBAMA, que após

negar a licença, teve cargo exonerado e no outro momento foi autorizada a licença de instalação e posterior a licença de operação.

A estratégia visivelmente utilizada pela Norte Energia a fim de remover os moradores restantes desse processo de resistência foram: ameaça, usaram os negociadores para coagir, privou a Vila de fornecimento de água e energia, forma utiliza para forçar os moradores a desistir da Vila, eram tratados de forma grosseira, não demonstravam nenhum respeito pelos moradores, o que acarretou consequências irreparáveis para alguns moradores que tiveram que ter acompanhamento psicológico por vários meses, e ainda assim depois de indenizados existe famílias que se encontram em situação pior a que estavam quando moravam na Vila Santo Antônio.

Diante dos conflitos vividos a partir da instalação da usina hidrelétrica de Belo Monte, o modo de vida dessas famílias foi alterado para sempre, uma vez que esses conflitos sociais acarretaram e corroboraram para a não consolidação da nova Vila, o que culminou a com a ruptura do lugar de vivência, de sua história e suas lembranças, esse processo de desterritorialização desenraizadora apontado por Haesbaert, (2014, p. 127), “Podemos afirmar que a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território [...] e se reterritorializam como novos agenciamentos maquínicos de corpos e coletivos de enunciação”, demonstra um processo de construção e desconstrução a partir de políticas inovadoras com base na acumulação primitiva do capital.

Desse modo a interação nos conflitos sociais que passaram a ser difundidos na Vila entre os moradores, criou substancialmente a existência de dois grupos com decisões divergentes, esse fator contribuiu solidamente para existência desses conflitos, o não interesse pelos lugares apontados pela Norte Energia, o que gradualmente fora tomado por desejo de insatisfação e desinteresse em resolver o impasse imposto quanto à resolutividade do endereço da nova Vila.

Um a um fora tomado pelo desânimo, e de forma desarticulada, o interesse pelo local tornou-se incerteza, alienados e sem defesa, os moradores restante desse processo de resistência optaram por reassentamentos em Altamira (PA), e alguns bem afortunados pela sorte conseguira que a Norte Energia construísse casas para sua habitação em agrovilas no entorno da BR-230 enquanto outros optaram por morar nas cidades totalmente fora dos seus costumes.

A usina hidrelétrica de Belo Monte foi palco de incertezas para essas setes famílias acompanhadas e monitoradas pelo IBAMA, a contar também para outras famílias que não fora objeto de estudo deste artigo, o que resta ainda são ações na justiça afim de readquirir seus direitos negado e alienados pelo empreendedor, que dia após dia fica distante a resolutividade.

Notas

¹ Citação extraída da internet no texto de SOUSA, Rainer Gonçalves. "**General Medici**"; *Brasil Escola*.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. M. Luta e resistência dos movimentos sociais à Hidrelétrica de Belo Monte na Transamazônica – PA. **Revista ID e AS**, V. 7, n. especial, 2013.

CDDPH - Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana - Comissão Especial "Atingidos por Barragens" Resoluções nºs 26/06, 31/06, 01/07, 02/07, 05/07.

COELHO, S. J.; PEREIRA, J. A. A. A paisagem na área de influência da Usina Hidrelétrica do Funil (UHE-FUNIL), percebida através do EIA-RIMA. **Paisagem Ambiente: Ensaios** – N.28 – São Paulo -P. 133-148- 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. 248p. p.149-168 (Série Geografia Cultural)

CORRÊA, R. L. **A dimensão cultural do espaço: Alguns temas**, **GEOgraphia**, p.113-123, n.10, 2003.

CAMARGO, Clara Nobre de. **Governo Federal defende a construção de novas hidrelétricas no Brasil Ministra do Meio Ambiente prefere dispensar as usinas nucleares**. Horizonte, Educação e Comunicação, São Paulo, 08/11/2012. Disponível em: <<<http://horizontegeografico.com.br/exibirMateria/1619/governo-federal-defende-a-construcao-de-novas-hidreletricas-no-brasil>>> Acessado em 13/04/2016.

EIA. Diagnóstico ADA, Estudo de Impacto Ambiental, volume 24, 2009, p. 461

FRANCISCO, W. C. **Energia Hidrelétrica**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/energia-hidreletrica.htm>> Acesso em: 05 de novembro de 2014.

HAESBAERT, Rogério, **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade/Rogério Haesbaert. – 8ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

JAPIASSU, H., MARCONDES, D. **Dicionário básico da filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

LEFÈBVRE, H. introdução à modernidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
_____. Lógica formal / lógica dialética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense S.A., 1988.

PLANO BÁSICO AMBIENTAL, 2011, volume II Item 4.

RODRIGUES; ROBSON, **Obras de infraestrutura da ditadura militar do Brasil estão entre as maiores do século 20**: disponível em \leq
<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/obras-infraestrutura-ditadura-militar-brasil-estao-maiores-seculo-20-781081.shtml>> Acesso em: 21 de setembro de 2016.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia / Milton Santos; em colaboração com Denise Elias. – 6. Ed. 2. reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SARMENTO. J. C. dos Santos; Artigo, **As modificações na paisagem e mudanças sociais em uma comunidade diretamente afetada pela construção da hidrelétrica de Belo Monte, Pará**. Altamira-PA: 2014.

SATO, Lana. "Vila". In: BiblioAtlas - Biblioteca de Referências do Atlas Digital da América Lusa. Disponível em: <http://lhs.unb.br/atlas/Vila>. Data de acesso: 7 de março de 2017.

SILVA, D. C. da. **As Transformações no espaço agrário da comunidade Babaquara, município de Altamira-Pará**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Geografia). Universidade Federal do Pará, Altamira - PA.

SILVA, D.C. da. **Uma interpretação geográfica dos impactos da hidrelétrica Belo Monte**: Estudo de caso da Vila Santo Antônio e da Comunidade Babaquara na microrregião de Altamira-PA. 2018. 153f. Dissertação (mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, Belém - PA

SOUSA, Rainer Gonçalves. "**General Medici**"; *Brasil Escola*. Disponível em \langle <http://brasilecola.uol.com.br/historiab/general-medici.htm> \rangle . Acesso em 09 de março de 2017.

SOUZA. C. L. de. SILVA, V. de P. Grandes Projetos de Investimentos: da construção/desconstrução de territórios à problemática dos deslocamentos

compulsórios. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia, V11, n. 34, p. 217-224, junho, 2010.

SPOSITO, Eliseu Savério. *Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

VAINER, C. B.; ARAUJO, F. G. B. **Grandes projetos hidrelétricos e desenvolvimento Regional**. Rio de Janeiro: CEDI, 1992.

ZHOURI, Andréa. **As Tensões do Lugar: Hidrelétricas, sujeitos e licenciamento ambiental/**, organizadora. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, Parentes e Compadres: Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste**. São Paulo: HUCITEC - Edunb, 1995.

Recebido em 30/06/2017. Aceito para publicação em 03/04/2018.
--